

Mulheres na Greve

Se as mulheres são maioria na luta, por que nossa voz é inferiorizada?

A greve dos Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) iniciada em 11 de março, conta com participantes em sua expressiva maioria composta por mulheres. São servidoras que atuam nas diferentes unidades e cargos da base da UFPR, UTFPR e Unila e que estão fortalecendo o movimento grevista com sua voz para reivindicar a estruturação da carreira dos TAEs e inclusão de pautas que impactam a vida profissional das mulheres.



No Brasil, o voto feminino foi permitido a partir do decreto do Código Eleitoral de 1932.

Entretanto, para que a igualdade de direitos para as mulheres seja efetiva, são necessárias mudanças não apenas na promulgação de leis, mas também mudanças sociais e culturais que respeitem as vozes e corpos femininos. Pois, é preciso aceitar que o corpo da mulher não é público, somos sujeitos dotados de racionalidade e autonomia, não objetos disponíveis para receber ordens e estar à mercê dos desejos masculinos.

Nas Assembleias Gerais, ocorridas no *campus* da Reitoria da UFPR, a presença é majoritariamente feminina, porém, a questão que se coloca é por que somos a maioria na base, mas somos poucas nos espaços de liderança e negociação?

Para responder a essa pergunta, é válido lembrar que historicamente, as mulheres foram excluídas dos espaços políticos e reservadas aos domésticos, não sendo consideradas cidadãs, portanto sem direito à voto e serem votadas. Somados à marginalização política, as mulheres eram reduzidas aos estereótipos de fragilidade, incapacidade e submissão impostos pela sociedade machista da época. Consequentemente, muitas mulheres acreditavam que sua voz não merecia ser ouvida e se calavam, e para aquelas que se atreviam a frequentar os espaços políticos, recebiam retaliações e violências das mais diversas, reforçando que “seu lugar não era ali e sim na cozinha”.



**Comando Estadual de Greve
Sinditest-PR**

Mulheres na Greve

A transformação social pela igualdade de direitos é protagonizada pela luta das mulheres nos espaços políticos, como tem ocorrido nas mobilizações e negociações da greve dos TAEs, como no ato público realizado em 20 de março, no palácio do Iguazu em Curitiba. Na ação, um grupo de técnicos e técnicas, composto em sua maioria por mulheres, marcharam do *campus* da Reitoria da UFPR em direção ao palácio Iguazu para reivindicar ao ministro da educação Camilo Santana a valorização da carreira dos TAEs e mais investimentos na educação.



A presença das mulheres na greve, não é apenas numericamente expressiva, é também um indicativo de que nós mulheres queremos e estamos lutando por uma universidade mais inclusiva, construindo espaços de acolhimento e pondo em pauta as demandas que impactam nossas carreiras, como a representatividade de mulheres nos cargos de liderança e flexibilização da jornada para as técnicas mães.

Outro episódio simbólico da força feminina na greve, ocorreu na ocupação da Reitoria na UFPR em 21 de março, no qual, um grupo de TAEs, predominantemente mulheres, organizaram-se para liderar a negociação com a gestão da reitoria, exigindo a revogação do memorando que orientava que técnicas e técnicos deveriam expor seu estado de greve às chefias imediatas, podendo gerar situações de constrangimento e perseguições. É importante destacar que durante a ocupação, duas servidoras que estão participando ativamente da construção da greve, foram vítimas de ataques machistas cometidos por dois homens, ao se posicionarem frente às tentativas de silenciamento, opressão e atitudes antidemocráticas. Ofensas como “desequilibrada” e “sem vergonha”, foram ditas por esses homens, quando as mulheres se recusaram a se calar e se retirar dos espaços de luta.

